

UM OUTRO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

ANOTHER LOOK AT CHILD EDUCATION

Carla dos Santos Morais¹
Rossatia Byanca Curado de Siqueira²
Rosilaine Martins Ferreira³
Rosivania Martins Ferreira Costa⁴

RESUMO: A educação infantil no Brasil está em transformação, principalmente nestes 20 anos. É sabido que as crianças pequenas devem ser estimuladas a ganhar autonomia na resolução de problemas, mas para isso é necessário dar-lhes espaço e liberdade para explorar o mundo ao seu redor. Hoje, as crianças são amparadas por uma pedagogia destinada a ajudá-las em todos os sentidos: a sociedade, a cultura etc. Para que, no seu tempo, seja ensinada por um adulto. Portanto, a participação das crianças na sociedade atual é extremamente relevante para a sobrevivência da espécie.

Palavras-chave: Educação Infantil. Pedagogia. Sociedade.

ABSTRACT: Early childhood education in Brazil is undergoing transformation, especially in these 20 years. It is known that young children should be encouraged to gain autonomy in solving problems, but for this it is necessary to give them space and freedom to explore the world around them. Today, children are supported by a pedagogy designed to help them in every way: society, culture, etc. So that, in its time, it will be taught by an adult. Therefore, the participation of children in today's society is extremely relevant for the survival of the species.

Keywords: Early Childhood Education. Pedagogy. Society.

1. INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos de vida, as crianças aprendem padrões básicos de linguagem que usarão ao longo da vida; a assimilando naturalmente, ouvindo e referindo-se à

¹ Ensino Médio Técnico em Magistério pelo Colégio Estadual Jalles Machado.

² Graduada em Pedagogia pela FIAVEC - Faculdades Integradas de Várzea Grande, Especialista em Educação Especial pela FACIB - Faculdades Impactos Brasil.

³ Graduada em Pedagogia Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela FEICS - Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão.

⁴ Graduada em Pedagogia Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela FEICS - Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão.

linguagem dos adultos. No entanto, é mais do que apenas ouvir e repetir palavras que podem construir a linguagem. É principalmente pelo significado, pela aproximação com a realidade e pela vontade de encontrar evidências que os levem a mudar as suposições de que podem entender o mundo e agir. Ouvir, falar, ler e escrever são habilidades desenvolvidas em completa interligação. A língua não se aprende isoladamente, ela é integrada em todas as atividades e é vivida todos os dias. Torna-se um caminho para o desenvolvimento intelectual, permitindo que os indivíduos expressem seus sentimentos e pensamentos.

As crianças fazem parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade com determinada cultura, em determinado momento histórico. Portanto, acumulam conhecimento por meio de interações com os outros e com o ambiente em que vivem. Portanto, compreender e conhecer o modo especial como as crianças existem no mundo é um grande desafio para a educação infantil e, portanto, para seus profissionais. Embora tentemos desenvolver o mundo infantil apontando algumas características comuns da existência de uma criança, sua personalidade e diferenças permanecem únicas.

À medida que as crianças começam a adquirir habilidades de raciocínio verbal, elas precisam de instrução reflexiva, conhecida como aprendizagem mediada por adultos, que lhes permite refletir sobre seu próprio pensamento. Diante de muitas expectativas dessa natureza, a educação infantil prepara as crianças para se tornarem pensadores sistêmicos, trabalhar em equipe e construir uma visão compartilhada com os outros, e quanto antes isso acontecer, melhor para o seu desenvolvimento.

Outro aspecto muito importante é levar em conta a particularidade da faixa etária das crianças, pois isso implica no reconhecimento de seus direitos como cidadãos, que incluem educação pública de qualidade, proteção e cuidados governamentais. Muitos acadêmicos dizem que não investir em educação nos primeiros anos de vida de uma criança pode custar muito caro ao país no futuro.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado (RCNEI - Vol. 1, p. 75, MEC/SEF, 1988).

O outro é difícil de entender, mas quando o problema é educação, é preciso analisar e reconhecer que a responsabilidade é tão grande quanto lidar com cursos superiores. Em geral, a educação infantil está caminhando para níveis de sucesso escolar. Isso porque é a

base do ensino. Portanto, cada base deve ser bem-feita. É apostando nela que vamos forjar um novo caminho educacional.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O papel do professor na educação infantil

Os professores são a base fundamental de qualquer processo de ensino. São responsáveis por transmitir conhecimento aos alunos. Segundo Tosi (2013, p.24), o professor “[...] é a pessoa habilitada, especializada e contratada para sistematicamente, passar para o aluno um conjunto de conhecimentos que o tempo e a experiência selecionaram da cultura universal e diz respeito a nossa vivência cultural”. Como resultado, as expectativas são altas para os professores, que muitas vezes se sentem sobrecarregados com tarefas tão complexas e difíceis.

Para compreender seu papel na educação, muitos educadores buscam respostas em seu próprio ambiente de trabalho, mas, em tentativas fracassadas, acabam chegando à conclusão de que seu papel é simplesmente ensinar os alunos a ler e escrever da melhor forma possível. “Satisfazer a própria vontade, fazer algo apenas pelo prazer de dizer que fez - atitudes como essas devem ser abolidas da prática da educação infantil e de qualquer outro nível de ensino”, diz Ostetto, 2012. Na educação infantil, o educador lida diretamente com as crianças pequenas, por isso deve estar mais atento aos sinais que elas transmitem. Muitas vezes, algumas crianças apresentam vocabulário subdesenvolvido, e expressões como chorar, rir e gesticular, se bem observadas e analisadas, permitem compreendê-las. É preciso entender muito bem as necessidades dessas crianças para entender como e o que trabalhar com elas.

Trabalhar com pequenos grupos de crianças é importante porque permite que os educadores as observem melhor. Portanto, é necessário que os educadores as observem como seres pensantes, para dar mais valor ao processo do que ao resultado. Uma criança que está brincando e interagindo com seus colegas está, na verdade, fazendo atividades de construção de hipóteses. Os educadores precisam entender as necessidades de interação dos alunos, não apenas realizar atividades de replicação de rotina para treinar a capacidade de coordenação motora dos alunos. Muitas vezes, há a sensação de que você não está fazendo nada na aula porque não está fazendo ou mesmo querendo fazer atividades de treinamento de ortografia. Em vista que a capacidade de coordenação motora da criança melhora dia a

dia, através das atividades físicas que a criança também realiza, como correr, pular etc. Portanto, o papel dos educadores no campo da educação infantil é muito mais do que isso, é atuar como orientador nesse processo de ensino. Seu papel não é apenas falar, mas ouvir e observar mais, para que possam desenvolver suas próprias estratégias de trabalho para ver a criança como um ser pensante, capaz de criar e recriar novas experiências.

Sabemos que o docente precisa salvar a pedagogia e rever sua própria visão de conhecimento, ele deve levar sua formação a sério e se esforçar para colocar sua principal tarefa em primeiro lugar: exercer o processo de ensino na forma de autonomia e conhecimento, valorizando as conhecimento prévio e conhecimento cultural. Ele não pode ficar preso à ideia de um método de ensino pronto e eficaz, deve perceber que existe uma enorme relação entre conhecimento e sociedade.

Portanto, os profissionais da educação também enfrentam muitas dificuldades, como violência escolar, falta de incentivo dos pais, salários baixos etc. Mas para ser professor hoje, é preciso acreditar no desenvolvimento da sociedade, buscar a transformação do conhecimento e da informação, cultivar a consciência crítica e praticar uma pedagogia da esperança, acreditando que:

[...] O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, dos desejos, da insegurança para ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem (FREIRE, 2014, p. 45).

Na educação infantil não é exceção, os educadores precisam saber que ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, mas mostrar em sua prática escolar que a educação merece atenção séria e dedicada. Algumas pessoas pensam que ser professor de educação infantil é fácil porque a maior parte do seu trabalho é "brincar". No entanto, as pessoas esquecem que esta etapa é a etapa mais importante na história de aprendizagem que um aluno terá. Tornar-se professor não é tão fácil quanto pensam muitas pessoas que entram na área. Entre nesse universo (da escola), sabendo que precisamos desesperadamente de pessoas que possam mudar, transformar, reelaborar; mesmo esse tipo de mudança que surge no movimento faz o espaço ganhar vida para a criação de novos processos e culturas.

No contexto da educação infantil, os educadores são pessoas que caminham com as crianças, observam/documentam, discutem e refletem sobre seus comportamentos e expressões. Assim, rompem com a única educação centrada no adulto, que passa a ser

centrada na criança, assumindo a postura não apenas de observadores, mas também de investigadores dos diversos modos de vida da infância (OSTETTO, 2012, p. 57).

O acesso aos professores em termos de habilitações, especialidades etc. é comum nas nossas cidades, contudo, não é obrigatório para todos os professores, especialmente na educação infantil. A formação do professor é muito importante, mas ele precisa estar ciente de seu papel na vida escolar dos pequenos. Saber que não é o mestre da razão, e entender a influência cultural que cada aluno carrega em sua trajetória de vida. A observação e o registro das atividades realizadas pelos alunos devem sempre existir em seu cotidiano. Só assim os educadores começarão a ter uma postura melhor diante de seus alunos.

Vocação é uma palavra muito utilizada em discursos de formações pedagógicas oferecidas aos discentes. Tosi (2013, p. 26), diz que “a vocação é uma característica já consagrada na literatura e significa a inclinação interna e natural para determinado tipo de vida e de atividade que dá plena satisfação”. Os que são ativos da profissão, por sua vez, acham que é só ideologia, que não funciona na prática, e os que ainda não são, acham que fazer carreira na docência é ter dom para ensinar. Porém, ao enfrentar a realidade, o conto de fadas termina.

Assim, após concluir o curso de pedagogia, pelo menos a maioria acredita que tudo será um sonho, realizado dia após dia com a prática da docência. Os professores devem ter clareza de sua vocação, mas devem ter curiosidade e espírito solidário para desempenhar seu papel, o papel de educadores, com responsabilidade e clareza.

“O pessimismo pedagógico abateu-se sobre os educadores, esvaziando o nosso papel enquanto agentes de mudança, destinando-nos ao imobilismo, à perplexidade” (KRAMER, 2001). Se os educadores não acreditam mais em mudanças positivas na educação, quem serão os agentes de mudança nessa missão? Primeiro, é necessário acreditar. Acreditar na capacidade deles, acreditar que ainda há um caminho na educação, acreditar que as políticas públicas estão trabalhando para nos ajudar, mas eles também devem fazer a sua parte para isso. Encontrar maneiras e alternativas para melhorar os gostos de aprendizagem dos alunos parece impossível em um dia em que os recursos tecnológicos e a base doméstica não ajudam. No entanto, essa missão: de educação, não pode ser apenas mais um trabalho a ser feito, mas um desafio a ser superado.

Ao escolher uma região, um curso, para prestar um vestibular, perguntamos: Estou fazendo a escolha certa? É difícil saber, porque só a prática pode nos dizer claramente qual é a escolha certa. No entanto, é necessário pesquisar e aprender mais sobre a profissão escolhida. No entanto, isso não acontece. Ser professor agora é uma moda? Porque é a ocupação que oferece mais oportunidades de emprego, principalmente nas pequenas cidades onde não existem vários empregos. Então surge outra pergunta: ser professor pela razão e não pelo coração? Não se sabe que para ser professor é preciso:

[...] tenha uma linguagem fluente, clara e simples; tenha confiança em si mesmo, mantendo seu controle emocional; seja firme, perseverante e criativo; tenha habilidade de manter boas relações com seus alunos e, acima de tudo tenha consciência profissional dos deveres e responsabilidades do magistério (TOSI, 2013, p. 28).

Para ser um bom educador hoje, também é importante que ele esteja envolvido em tudo o que acontece na escola. Ele não pode pensar que está apenas ensinando a ler e escrever mecanicamente. Deve-se envolver com os alunos em projetos, regras de disciplina e, em suma, conhecer o leque de atividades que a escola tem a oferecer, antes de traçar o rumo para o bom desenvolvimento de uma instituição de ensino. Para tanto, as estratégias de formação de professores no serviço estão relacionadas a mudanças na organização do trabalho nas escolas. Ele tem que acreditar que faz parte desse universo e que seu objetivo é proporcionar bem-estar aos alunos da escola.

Na educação infantil, tudo é mais refinado, emocionante e divertido. A formação das identidades das crianças está em construção, com os educadores ajudando a se formar. A partir daí, a prática docente entra em jogo como função social e política. Nesse caso, o aluno é visto como um ser concreto que precisa ser cuidado para exercer sua cidadania no futuro. Mas muitos problemas dificultam esse papel dos professores. Na maioria das escolas, ele tem que cumprir o currículo, e muitas vezes os requisitos não condizem com a real situação do aluno. Ainda é apenas uma tentativa de separar tarefas soltas de seus compromissos em sala de aula.

Há muito o que pensar em relação aos limites que o professor encontra em sua própria prática. Vivendo o cotidiano, ele se depara com situações em que precisa fazer escolhas, tomar decisões, enfim, se arriscar. Tais atitudes são muito importantes no seu processo de se fazer educador (ROSA & LOPES apud Ostetto, 2012, p. 60).

Atualmente, existem vários cursos para a educação infantil. Alguns demonstram teoria, outros usam a pedagogia em sala de aula. Então isso é muito importante para os

educadores. Há uma oportunidade de compartilhar experiências de vida e aprender mais sobre sua área de atuação. No entanto, não ocorrem estudos de campo para verificar a grande quantidade de informações repassadas a eles e, por outro lado, reclamam da realidade vivenciada. Os educadores que atuam no campo da educação infantil precisam refletir criticamente sobre seus papéis. Para que ele atua, por que ele está fazendo tal atividade e entender o quão importante ela é na vida de um aluno. Cabe a este profissional atribuir a presença de um profissional que saiba o momento exato para praticar o perfil mais adequado na aula. Nesse sentido, as responsabilidades de um professor de educação infantil são mais importantes do que se imagina. Kramer (2001, p. 88) diz que: “é preciso sobretudo, considerar os professores como produtores de conhecimento que são, como leitores reais, e em função desse pressuposto, ajudá-los [...]”. Ele tem que procurar mudança, e essa mudança exige leitura e trabalho manual.

Freire (2014) foca na questão da autonomia do professor em sala de aula, e o próprio educador muitas vezes desrespeita a curiosidade dos alunos, zombando de seus pontos de vista e sugerindo restrições à sua liberdade de expressão. Essa prática é muito comum na educação infantil e é adotada por profissionais que atuam na área por acharem o conteúdo mais fácil de ensinar ou por estarem muito próximos da aposentadoria. Para atuar nessa área, os profissionais devem amar e querer mudar a forma de pensar a educação. Você não pode pensar que é dono de conhecimento suficiente para trabalhar com crianças dessa idade.

Além de ansiar por um salário alto, o professor também deve ansiar por mudar sua estratégia de ensino. No entanto, precisa de apoio de seus órgãos de funcionamento, supervisão, secretaria de educação etc. É muito importante que todos estejam envolvidos neste processo de mudança. A universidade e seus programas, a política de acesso à escrita (jornais, livros, revistas) e o mais importante: acreditar que o trabalho é possível. A formação no local de trabalho é muito valiosa se os professores souberem valorizar e perpetuar essa estrutura de conhecimento que pode ser aplicada na prática como uma opção para mudar as estratégias de sala de aula. Kramer (2001, p. 92) afirma que “considera que um processo de formação em serviço, sistemático, substancial e construído coletivamente, é capaz de - entre outros fatores - gerar a melhoria da qualidade de ensino”.

Para aprender a se adaptar às mudanças no processo de ensino atual, as diferenças devem ser valorizadas.

“Pela primeira vez na história, fazemos parte de uma era que une o real e o virtual. Um fato com qual ainda não sabemos lidar e que vem tomando proporções cada vez maiores” (CHALITA, 2003, p. 64). Por isso ainda somos mais privilegiados do que os profissionais do passado, temos recursos digitais através dos quais eles nos ajudam a gerenciar um currículo prático que não cansa a criança. É preciso tentar entender as atividades das crianças, para captar seu interesse aos poucos. Ao optar pelo uso de recursos tecnológicos, os professores precisam observar e refletir para dar continuidade às ações educativas que ajudarão os alunos a progredir no uso desse tipo de material.

Os professores, principalmente da educação infantil, não refletem teoricamente sobre a possibilidade das crianças em seus estágios de desenvolvimento, além de ocultar sua importância na vida dos alunos. Nessa idade, as crianças precisam aprender brincando, e as atividades lúdicas são muito importantes para o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

Ora, se insistimos em ensinar as formas geométricas às crianças de quatro anos, por exemplo, sem que elas explorem com seu corpo o espaço à sua volta e os objetos que aí estão antes de “decorar” o que é um quadrado, um círculo, um triângulo, estaremos forçando uma situação artificial em que nem as características do seu desenvolvimento nem o mundo natural e social que circundam estão sendo considerados (ASSIS, 1998, p. 58).

No entanto, são palpáveis as incompreensões desses profissionais sobre as necessidades dessas crianças em diferentes momentos de suas vidas. Coisas concretas tornam-se mais interessantes porque nesta fase as crianças não estão interessadas em objetos ou assuntos que não fazem parte de sua experiência diária.

O professor de educação infantil tem que estar claro sobre “a importância de criar/garantir canais de socialização das práticas vivenciadas nos processos formativos do educador da educação infantil” (OSTETTO, 2012, p. 8). Dessa forma, ele precisa estar ciente de seu compromisso com a educação, sabendo que refletir, criticar, analisar e avaliar sua relação com as crianças faz parte da prática formativa importante para o sucesso de seu trabalho. Para isso, os educadores devem adotar a prática de documentar diariamente as atividades das crianças para entender o que está e o que não está funcionando em seu trabalho.

Documentar não no objetivo de redigir um documento declarando sua coordenação com a escola. Mas para rever sua prática e a situação em que cada aluno se encontra. Nesse sentido, é mais fácil para os educadores projetar o futuro com base nas necessidades reais dos alunos. Na educação infantil, essa prática de registro auxilia o trabalho dos professores, pois, segundo Ostetto (2012) “ao escrever e refletir sobre o escrito que, por sua vez, reflete a prática, o professor pode fazer teoria, tecer pensamento-vida”. Se os professores registram e analisam cada situação vivenciada em sala de aula, é possível elucidar tanto a prática quanto a teoria. Colocar isso em prática é um desafio ousado, mas proveitoso para o professor, pois o registro se torna um importante aliado para articular a visão e proporcionar mais entusiasmo às crianças diante de si.

Mais importante ainda, este registro é como o diário de um professor. Sempre que sentir a necessidade de conhecer e compreender o potencial de seus alunos, recorrerá a ele. É como se os educadores construíssem suas próprias provas para seu trabalho. No entanto, será muito importante se ele quiser compartilhar sua experiência com sua equipe de trabalho. Este registro também pode servir como base para o seu relatório pessoal dos alunos.

Diante de tantos desafios e dificuldades que os professores enfrentam todos os dias, o problema de alcançar resultados satisfatórios na educação torna-se cada vez mais difícil. Os educadores são frequentemente ouvidos desacreditando a educação. Nesta profissão, ouvimos relatos negativos e deprimentes de professores sobre o futuro das crianças. Eles reclamam de salários baixos, alunos indisciplinados, teoria não funcionando na prática etc. Entre as mesmas reclamações, muitas vezes ouvimos a fala: no final de todo o processo escolar, quando as coisas não dão certo, a culpa é sempre nossa!

Além das dificuldades que as escolas enfrentam, a frustração dos professores com o sistema educacional atual continua sendo um fator agravante. Então, chegamos ao ponto de partida: por que muitos de nossos alunos terminam o ensino fundamental I (5ª série) sem dominar a leitura e a escrita e explorar textos que constroem seu conhecimento de um determinado mundo? Agora, se os profissionais que trabalham diretamente com os alunos não acreditam, não há muito o que fazer. A não ser agindo como os cidadãos que somos. Cada um faz sua parte e, em última análise, nossos esforços serão recompensados para as crianças que dependem de nós. Como todos sabemos, sozinhos nunca podemos mudar a

educação, pois no contexto sociológico em que vivemos, tal transformação é impossível. Mas se pedirmos aos nossos políticos que mudem a forma como a educação é tratada, isso pode ajudar a longo prazo.

Kramer (2001) afirma: “[...] só é possível conversar sobre escola e cidadania pensando no projeto de sociedade que temos e no papel que cada um de nós assume na construção desse projeto”. Portanto, o fracasso da escola não é apenas responsabilidade dos professores, a responsabilidade é de todos os envolvidos neste projeto. Mas os professores têm que trabalhar duro para o trabalho. Deve-se exigir a criação de grupos de estudo, discussão de assuntos em sala de aula, troca de sugestões entre colegas, aperfeiçoamento de cursos de formação de professores, etc. Na mesma linha, as escolas precisam abrir mais portas para as famílias participarem das escolas.

Quando a família vai à escola, ou nas reuniões de pais e mestres, sempre surgem as mesmas questões: é tudo culpa dos pais! Como resultado, eles se sentem reprimidos quando querem participar das reuniões. É melhor parar de procurar alguém para culpar pelos fracassos da escola e discutir juntos como aliviar as dificuldades na sala de aula a longo prazo. Na escola, como em todos os campos de trabalho, é fundamental unir o coletivo para alcançar o sucesso desejado. É importante nos unirmos para uma melhor educação. Portanto, os professores são a chave para essa conquista. Principalmente educadores que trabalham na educação infantil e alfabetização (1º ano do ensino fundamental de nove anos s).

[...] quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom- senso. O exercício ou a educação de bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos. Se o bom senso, na avaliação moral que faço de algo não basta para orientar ou fundar minhas táticas de luta, tem, indiscutivelmente, importante papel na minha tomada de posição, a que não pode faltar a ética, em face do que deve fazer (FREIRE, 2014, p. 61).

É preciso dizer que os educadores devem ter empenho para fazer a ponte entre a prática e a teoria para que seu trabalho não seja antiético, como qualquer profissional que se preze. Deve haver coragem para questionar ativamente e buscar melhorias na escola. Quando as crianças entram na escola, elas pensam que a escola é o melhor lugar do mundo em sua imaginação. Mas sem cultivar esse tipo de pensamento, o encanto se desgastará e a escola se tornará um lugar chato e cheio de obrigações a cumprir. Então, sem carisma, sem

descoberta, sem respeito pela cultura, sem profissionais que acreditem no progresso escolar, sem investimento em educadores... a própria escola se torna um espaço de convivência desagradável. Assim, os educadores podem mudar isso: seja por ética, profissionalismo, missão, compromisso ou qualquer outra coisa. As crianças pequenas devem ter a oportunidade de se tornarem agentes de construção do conhecimento, e os educadores não devem se esquivar disso.

Infelizmente, o valor do educador está decaindo gravemente, e ele mesmo percebe isso através da sua análise. Outro ponto de interferência em sua prática profissional. Se discrimino ou generalizo as "peças-chaves" do sucesso educacional, como exijo organização e dinamismo na prática? É como educar uma criança. Se não consigo vê-la como uma fonte inesgotável de conhecimento, como posso tentar investir em seu aprendizado? O educador tem uma grande responsabilidade, sempre que passa pelo aluno ele deixa sua marca, seja ela qual for.

Na educação infantil, as raízes são ainda mais profundas. Para uma criança, um educador é como um membro de sua própria família. Isso porque ela passa horas por dia sob seus cuidados. Nesta fase de desenvolvimento, o afeto é muito importante, dizem alguns especialistas.

Alguns educadores não lêem e querem ensinar os alunos a ler. Quem não escreve, quer ensinar a escrever. Caso fossem solicitados a praticar o registro de suas atividades, haveria insegurança devido à dificuldade de verbalizar seus pensamentos. Ser educador não é fácil. Muitas pessoas pensam que só precisam de um diploma, mas:

[...] não basta amar as crianças e a escola para saber realizar o trabalho, até porque dificilmente gostamos daquilo que não sabemos fazer! Ao mesmo tempo, nunca estamos prontos - nem nós nem as crianças. O trabalho pedagógico é sempre construído e reconstruído, avança e recua, sofre influências da escola e de fora da escola, de nós mesmos e das crianças, não caminha monótono, em linha reta, mas traz conflitos, dá saltos, tem contradições e por isso mesmo pode ser rico, fascinante, revelador (KRAMER, 2001, p. 113).

Os educadores, especialmente os educadores da primeira infância, precisam ser dinâmicos e inteligentes em sua prática docente. Por meio dessas práticas, educadores e crianças vão construindo a autonomia como sujeitos de seus próprios comportamentos a cada dia. É preciso se lembrar de que a educação exige mais do que seguir uma agenda. Exige uma enorme responsabilidade que, se não cumprida, pode deixar uma marca irreversível no aluno. Eles nunca devem parar de ler e procurar novas ideias para trabalhar

em sala de aula. Mas se o educador estiver relutando em investir em educação desde a infância, é melhor não seguir essa carreira. Comparo o educador de crianças a um médico que, se não buscar a descoberta para os desafios de novas doenças, deixará na vida de uma pessoa uma marca que ela jamais poderá reverter.

É comum que muitos educadores se preocupem com o uso do brincar, principalmente nos primeiros anos. Em muitas escolas, a brincadeira é contrária à alfabetização, como se alguém pudesse fazer uma coisa ou outra, como se aprender a ler e escrever fosse uma tarefa tediosa, estranha à imaginação, fantasia e brincadeira; geralmente presentes na infância.

Os jogos de construção e com regras, dança, música, faz de conta e brincadeiras espontâneas precisam ser utilizados como ferramentas de ensino, respeitando o desenvolvimento cognitivo da criança. Porque ela amplia seus conhecimentos por meio de atividades lúdicas. É imperativo que os educadores percebam que as crianças recriam seu conhecimento do mundo por meio do brincar. Portanto, os educadores têm a responsabilidade de organizar as situações em que o brincar é utilizado de diversas formas, dando às crianças a oportunidade de viver suas infâncias e aproveitar o melhor delas. Em meio a essas questões, vale refletir sobre o fato de que trabalhar com crianças pequenas exige que os educadores tenham certo nível de conhecimento, competência, sensibilidade e, principalmente, o compromisso de que a transição da primeira infância para o ensino fundamental ocorra da maneira mais natural possível, sem provocar traumas no processo de desenvolvimento e escolarização das crianças.

CONCLUSÃO

Pesquisas neurológicas recentes destacaram a importância do aprendizado no início da vida. No entanto, observa-se que poucas escolas dão atenção a essa questão e, portanto, recebem pouca atenção dos profissionais da educação. A infância é, obviamente, a fase mais importante na vida de todos, pois é durante esta fase que todos aprendem, se desenvolvem, compreendem muitas habilidades que serão essenciais ao longo da vida, e se ocorrer alguma falha nesta fase, futuramente as pessoas podem sentir as consequências.

Notadamente, a política pública de educação está cada vez mais falando e investindo na educação infantil. Então surge a pergunta: qual o papel da educação na vida

de uma pessoa? Em seguida, analisamos as consequências da política pública de educação fracassada no Brasil.

É necessário desvendar os motivos pelos quais levam ao fracasso na educação infantil e, portanto, no ensino fundamental. A maior dificuldade está na compreensão dos gestores da educação, pois eles precisam entender o problema de perto. Saber por que a educação dos anos iniciais está em descrédito, com tantos programas investidos nela, falindo sem resultados positivos. Esse é o caminho, pelo menos para começar.

Com as mudanças atuais, fica claro que o interesse do aluno é fundamental para o aprendizado, mas o que estamos vivenciando hoje é a falta desse interesse. Os alunos perderam esse charme com a escola e ainda mostram que a frequentam por obrigação.

O professor é o líder porque dirige e coordena os alunos na sala de aula. Para isso, ele deve ter formação profissional, que é a condição básica que norteia sua expertise, como fazer, por que fazer e para quem fazer.

A relação professor/aluno, envolvendo vínculos afetivos, é importante para que o andamento do ensino/aprendizagem tenha sucesso. Todos os níveis da sociedade podem compreender melhor o funcionamento das escolas, bastando observar e compreender as principais dificuldades enfrentadas por elas.

No entanto, muitas teorias não funcionam na prática, de modo que a descrença e o investimento educacional na educação infantil obtenham resultados educacionalmente negativos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Regina Alcântara de. **O trabalho do professor na pré-escola**. Ideias nº 2 - **A pré-escola e a criança, hoje**. Secretaria de Educação, São Paulo, 1988.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas relações**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**, São Paulo. Cortez: 2006.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores.** 5ª ed. Campinas- SP: Papyrus, 2012

TIRIBA, Lea. **Educar e cuidar: buscando a teoria para compreender discursos e práticas.** Rio de Janeiro: Ática, 2005.

TOSI, Maria Raineldes. **Didática geral: um olhar para o futuro.** 4ª ed. Campinas SP. Editora Alínea, 2013.